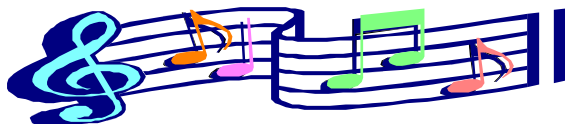


Factoide

Ernesto Rosa

Estávamos em uma reunião de voluntariado, discutindo um programa de ação em um asilo e em creches, quando um radinho de músicas de fundo tocou:



Quero que você me aqueça nesse inverno e que tudo o mais vá pro inferno.

Algumas pessoas começaram a dançar e, na hora do "que você me aqueça", cruzavam os braços no peito como que se abraçando; na hora do "que tudo mais vá pro inferno", jogavam as mãos para frente como que esconjurando. Quando terminou a música, alguém disse brincando: –Eu tenho quem me aqueça, portanto que o voluntariado vá pro inferno. Deu uma boa discussão. A letra da música deve ser levada a sério? Somos responsáveis ou, uma vez resolvido o nosso problema, devemos mandar tudo para o inferno?

A maioria das pessoas foi treinada para não fazer transferências. Assim, cada informação fica sendo um factóide em um cantinho do cérebro, sem causar influências em outras informações, sem passar por processamentos, sem passar por acomodações, sem conclusões, sem coerências. Desse modo, é possível absorver e manter muitas informações isoladas e até contraditórias. O mais grave é que algumas pessoas gostam de factóides, achando-os descontraídos, ao contrário do processamento de informações, que julgam enfadonho. Quando alguém tenta alguma análise, elas dizem: –Descontraia! Encontramos esse tipo de gente a toda hora. Elas foram criadas pela mídia eletrônica e treinadas pela escola.

Historicamente, a escola apareceu a partir da criação do conhecimento sistematizado. Esse era o seu espaço: alunos ativos, trabalhando em nível de análise e síntese. Mas o que vemos, atualmente, são alunos copiando da lousa, distraídos, enchendo cadernos de informações isoladas que serão

memorizadas na véspera da prova. Depois... Esquecidas! Ou ficando no sótão, como factóides.

Muitas vezes, no outro extremo, encontramos alunos lentos e com certas dificuldades de aprendizado, cuja causa é justamente a quantidade de processamento. "Parecem filosofar", como se costuma dizer. Temos dois extremos indesejáveis: muita informação com pouco processamento, gerando factóides; e pouca informação com muito processamento, parecendo obsessão. É preciso encontrar um bom ponto de equilíbrio, que varia de pessoa para pessoa. A moda atual é mais para o factóide.

A geometria organiza o espaço por formas e direções; a aritmética organiza o ambiente por quantificação; a gramática organiza a fala por classificações e relações; a história organiza as ocorrências históricas por correlações ideológicas; a geografia organiza o espaço humano por classificações e utilizações. Os alunos precisam e gostam dessas tomadas de posse, desde que sejam bem feitas pela escola. Aí está o problema. Tudo é transformado em factóides. Listas de fórmulas, contas, formas, datas, nomes, classes, acidentes a serem decorados, sem a correspondente análise. Por isso, surgiu o douramento de pílula, com professores cantando, micando, fazendo palhaçadas; ou então o terror, com professores ameaçando, gritando, punindo.

É preciso dar o que os alunos querem, e eles são bons e querem crescer. Querem conhecimento de boa qualidade, cada vez mais maduro, mais abstrato, e isso significa processamento, capacidade de análise e síntese.

Para factóides, não é necessária a escola. A mídia é mais eficiente!

Mais textos curtos e polêmicos no blog:
www.internestorosa.blogspot.com